

# As potencialidades praxiológicas e epistêmicas dos (tipos de) discursos<sup>1</sup>

Ecaterina Bulea & Jean-Paul Bronckart\*

## Resumo

Abordam-se questões provenientes da semântica e da pragmática, levando em consideração as dimensões significantes e referentes a fenômenos linguageiros, mesmo que não se inscrevam nas orientações dominantes dessas duas subdisciplinas da linguística.

**Palavras-chave:** Semântica; Pragmática; Fenômenos linguageiros; Linguística.

## 1. Uma abordagem “integrativa” dos fenômenos linguageiros

Este número é dedicado a abordagens atuais provenientes da semântica e da pragmática. Embora tenhamos nos sentido honrados com o convite de contribuir com a obra, é preciso, desde já, indicar que nossos trabalhos levam certamente em consideração as dimensões significantes e referentes a fenômenos linguageiros, mesmo que não se inscrevam nas orientações dominantes dessas duas subdisciplinas da linguística.

Desde a célebre tripartição proposta por Morris (1938) e muitas vezes reformulada posteriormente, a sintaxe, a semântica e a pragmática foram consideradas como domínios disjuntos, tratando de objetos específicos (os modos de combinação das entidades linguísticas, as relações entre essas entidades e os objetos do mundo, e as condições de utilização das entidades significantes pelos locutores, respectivamente) e realizando procedimentos de análise e de tratamento, eles próprios diferentes. A despeito das múltiplas contestações da pertinência dessa compartimentação dos objetos linguageiros, a pragmática instaurou-se como disciplina autônoma com

\* - Universidade de Genebra.

1 - Título original: “Les potentialités praxéologiques et épistémiques des (types de) discours”. Tradução de Juliana Alves de Assis (PUC Minas) e Celso Fraga Fonseca (PUC Minas).

base, sobretudo, nas proposições de Austin (1962) e de Grice (1967), desenvolvendo-se posteriormente em diversas correntes centradas nas condições de uso de enunciados em situação interativa real (para uma exposição detalhada, cf. MOESCHLER; REBOUL, 1994). A semântica, que permaneceu por muito tempo diacrônica, seguindo tradição de Bréal (1897), passou também por uma espécie de refundação nas três últimas décadas do século XX, com a emergência, por um lado, de abordagens estruturalistas (POTTIER, 1974) e gerativistas (KATZ; POSTAL, 1964) no campo linguístico, e, por outro, de diversas correntes da lógica, da psicologia ou das ciências cognitivas (cf. RASTIER, 1998).

Nossa abordagem, orientada pelo “interacionismo sociodiscursivo” (doravante ISD), inscreve-se, ao contrário, numa perspectiva nitidamente “integrativa”, e isso sob três ângulos: fundando-se na análise saussuriana da essência do signo (SAUSSURE, 2002, p. 15-88), ela postula que todas as entidades linguísticas se caracterizam pela “indissociabilidade” de sua dimensão de forma significante (lexical ou sintática) e de sua dimensão de forma significada (portadora de valores a um tempo semânticos e pragmáticos); baseando-se no mesmo autor, ela se centra igualmente nas condições de interação permanente entre os diversos tipos de fenômenos languageiros (os textos-discursos, a língua externa e a língua interna); mais amplamente, enfim, considerando que a linguagem está no centro tanto da organização e do desenvolvimento dos indivíduos quanto das organizações sociais, ela visa à elaboração de uma ciência global que conceptualize, de início (e não *a posteriori*), as modalidades de interação e de integração das dimensões sociológica, languageira e psicológica das condutas humanas.

### **1.1. A articulação das dimensões sociológica, languageira e psicológica**

Desse ponto de vista geral, a abordagem do ISD se situa no prolongamento do movimento interacionista social que havia emergido no primeiro terço do século XX, no quadro das obras de Bühler (1927), Dewey (1925), Mead (1934), Volochinov (1929/1977), Vygotsky (1934/1997) e de muitos outros autores. Oposto ao positivismo e ao fracionamento disciplinar por este engendrado, o movimento visava a analisar as condições de organização e de desenvolvimento das condutas humanas numa perspectiva que

integrava estreitamente suas dimensões semióticas, sociais e psicológicas, e colocava, por outro lado, um acento particular no papel que desempenhavam a educação e, mais amplamente, o conjunto das mediações formativas, no desenvolvimento humano. Esses autores haviam adotado um programa de trabalho com características “descendentes”, que se pode resumir como se segue. Estudar primeiramente o conjunto dos pré-construídos oriundos da história social humana, a saber: as diversas formas de atividades e de obras coletivas, tais como elas são produzidas e geradas pelas diferentes formações sociais; os diversos gêneros de texto em uso num grupo, bem como as línguas naturais particulares nas quais eles se sustentam; as representações coletivas, enfim, na condição de *corpora* de saberes historicamente elaborados sobre o conjunto dos ingredientes do ambiente humano. Estudar, em seguida, os dispositivos e os processos de mediação formativa através dos quais, no quadro de intervenções formais (escolares) ou informais, as gerações mais velhas apresentam elementos dos pré-construídos às gerações mais jovens (crianças, ou, mais amplamente, alunos), na dupla tarefa de lhes transmitir essas aquisições e de lhes permitir que contribuam, em seguida, para a transformação ou para o enriquecimento dessas aquisições. Estudar, enfim, os efeitos desses procedimentos formativos sobre a constituição e o desenvolvimento das pessoas singulares, numa perspectiva que não negue a existência de capacidades psíquicas e comportamentais inatas (ou herdadas da evolução), mas que visem a pôr em evidência as transformações radicais do conteúdo e da organização dessas mesmas capacidades, que são provocadas pela integração dos pré-construídos, pelo viés das mediações formativas.

Inscritos nesse programa global, os trabalhos conduzidos no quadro do ISD são particularmente centrados na análise da atividade languageira e de suas condições de desenvolvimento em gêneros de textos, bem como nos efeitos que exerce essa mesma atividade sobre o desenvolvimento psicológico das pessoas. Nessa perspectiva, eles se apoiam particularmente sobre as proposições emanadas das obras de Volochinov e de Vygotsky.

Em sua obra maior, **Marxismo e filosofia da linguagem**<sup>2</sup> (1929/1977),

---

2 - Com base nas múltiplas mentiras de Bakhtin, a paternidade desse livro foi atribuída por muito tempo a esse último. A verdade está hoje restabelecida, e temos de nossa parte (cf. BOTA e BRONCKART, 2008) demonstrado o caráter monstruoso dessa maquinação, para a qual colaboraram grande número de “cientistas”, russos e americanos em particular.

Volochinov sustentou três teses encaixadas: (i) a linguagem constitui o “meio vital” decisivo dos humanos, o “tipo de ar” que estes respiram e do qual se alimentam; (ii) essa linguagem se apresenta fundamentalmente sob a forma de “interações verbais situadas”; (iii) essas interações constituem as manifestações concretas da “psicologia do corpo social”, expressão que designa as configurações de entidades ideais que são elaboradas, mobilizadas e organizadas no seio de um grupo. Para o autor, essa psicologia verbalizada tem um estatuto de “meio intermediário”, porque ela não é diretamente determinada pela configuração da infraestrutura político-econômica bem como suas propriedades e seus modos de funcionamento diferem dos que compõem a ideologia propriamente dita (os saberes científicos, as obras, etc). Ela constituiria, na realidade, o lugar de interface entre os registros do infraestrutural e do ideológico:

O que chamamos de psicologia do corpo social e que constitui (...) uma espécie de elo intermediário entre a estrutura sociopolítica e a ideologia, no sentido estrito do termo (ciência, arte, etc), realiza-se, materializa-se sob a forma de interação verbal. (VOLOCHINOV, 1929/1977, p. 38)

Uma tal abordagem volta de fato a sustentar que a coletividade constitui o lugar de ancoragem primeira dos fenômenos psíquicos, e ela apresenta analogias evidentes com a primeira análise proposta por Durkheim (1898) sobre o estatuto das “representações coletivas” (nas suas exposições sobre “representações individuais”). Porém, diferentemente de Durkheim, Volochinov sustenta que são as “interações verbais” que constituem as manifestações mais importantes dessas representações coletivas, ou ainda que elas constituem os suportes e os testemunhos objetivos destas últimas. Além disso, ele postula que, na medida em que as condições e as modalidades de interação verbal são extremamente variáveis no seio de um mesmo grupo, para proceder ao estudo da psicologia do social, convém levar em conta essa diversidade e empreender uma análise do conjunto dos “modos” (ou “gêneros”) de discurso em funcionamento num contexto social terminado:

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos “atos de fala” de todos os tipos (...). A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de “diferentes modos de discurso”, sejam eles interiores ou exteriores. Esse campo não foi objeto de nenhum estudo até o momento. (VOLOCHINOV, 1929/1977, p. 38-39)

Como mostra a citação anterior, Volochinov sustentou igualmente que os gêneros de discurso eram objeto de uma interiorização pelas pessoas e se tornavam assim um “discurso interior”, ele próprio constitutivo do pensamento consciente:

No essencial, os elementos mobilizados pelo sistema complexo das reações verbais se mantêm os mesmos quando o sujeito guarda “para si” essa reverberação em vez de confiá-la à voz alta; pois, a partir do momento em que ele tem consciência disso é que se opera nele um mecanismo de “discurso interior” (“latente”). (VOLOCHINOV, 1927/1980, p. 102)

Foi isso que o conduziu a afirmar que o psiquismo humano é literalmente moldado pelos signos, e que, em consequência, uma vez que os signos constituem também elementos do ambiente exterior (eles são produzidos nas interações verbais objetivas), eles têm o estatuto de elo principal entre a ordem do mundo exterior e a ordem do psiquismo.

Na parte de sua obra voltada à psicologia do desenvolvimento, Vygotsky buscou analisar empiricamente as etapas da apropriação e da interiorização dos signos verbais pelas crianças, como condições mesmas da construção de seu psiquismo consciente, e tentou igualmente mostrar como, sobre essa base semiótica, se constrói, em seguida, o conjunto das funções psicológicas superiores (atenção, memória, raciocínio, etc).

Para esse autor, a criança dispõe, ao nascer, de processos de interação herdados (conceitualizados por Piaget em termos de assimilação, de acomodação e de equilíbrio) cuja utilização gera uma organização psíquica primária (descrita pelo mesmo Piaget em termos de “esquematismo sensorio-motor”); trata-se aí da “linha de base” do desenvolvimento que torna possível as funções psicológicas inferiores. Mas desde o nascimento, de

igual modo, o meio humano circunstante insere a criança em atividades práticas verbalmente comentadas, e lhe oferece nesse quadro elementos de informação provenientes da história cultural, ou ainda põe à sua disposição aspectos das representações coletivas ambientes.

Nesse contexto, a criança se apropria dos elementos das produções linguageiras, que ela imita de duas maneiras: de um lado, socialmente, integrando-se cada vez mais ativamente nas interações verbais com as pessoas que a cercam; de outro, de maneira pessoal ou “egocêntrica”, falando a si mesma a fim de organizar e regular seus jogos e suas atividades. Essa linguagem egocêntrica constitui então, para Vygotsky, o elo essencial do processo de constituição do pensamento consciente; ela é objeto de uma interiorização progressiva, conservando, primeiramente, o conjunto das propriedades da linguagem externa e, em seguida, condensando-se e perdendo várias propriedades lexicais e morfossintáticas:

(...) a linguagem egocêntrica possui a propriedade de ser incompreensível aos outros, se a gente simplesmente faz disso o “levantamento” a anotação, vale dizer, fora do contexto da ação concreta (...) Ela só é compreensível para si (para a criança), ela é abreviada, tende às omissões e aos curtos-circuitos, não é preciso dizer o que é evidente e, ainda, sofre modificações complexas de estrutura. (VYGOTSKI, 1934/1997, p. 100)

Essa linguagem egocêntrica torna-se, assim, uma linguagem interior, que, de um lado, governa os comportamentos da criança e, de outro, se reestrutura em um sistema de implicações significantes (cf. PIAGET, 1974) com base no qual se desenvolvem as operações cognitivas propriamente ditas:

afora seu papel de simples acompanhamento da atividade infantil, a linguagem egocêntrica torna-se muito facilmente pensamento no sentido próprio da palavra, vale dizer, que ela assume uma função de planificação da operação, da resolução de um novo problema surgido no comportamento. (...) A linguagem se torna psicologicamente uma linguagem interior antes de vir a sê-lo fisiologicamente. A linguagem egocêntrica é uma linguagem interior por sua função, é uma linguagem por si mesma, que está em vias de

interiorização, uma linguagem já parcialmente compreensível para o meio, já profundamente implantada no interior do comportamento da criança, mas, ao mesmo tempo, ela é ainda fisiologicamente uma linguagem exterior (...). (PIAGET, 1974, p. 174-175)

E como os signos da linguagem são impregnados de valores sócio-históricos, o pensamento que se constitui na criança é, ele mesmo, nos seus constituintes de base, fundamentalmente sócio-histórico; segundo a célebre formulação do autor, sob o efeito da interiorização dos signos, “o tipo mesmo de desenvolvimento se modifica, passando do biológico ao sócio-histórico” (PIAGET, 1974, p. 187).

## **1.2. A articulação das diversas formas de manifestação dos fenômenos linguageiros**

Nas duas abordagens que acabam de ser evocadas, se as dimensões semióticas e discursivas da linguagem são claramente sublinhadas, suas condições de interação, e suas relações com a língua como sistema continuam subanalisadas. Convém então clarificar as modalidades de interação entre as unidades de análise dos fenômenos linguageiros, clarificação que foi de fato proposta na obra verdadeira de Saussure<sup>3</sup> e que se pode resumir como se segue.

Durante as três “Conferências” que ele proferiu em 1891, quando da inauguração de sua cátedra em Genebra, Saussure sublinhou primeiramente a inelutável “continuidade” da atividade linguageira:

Vale a pena determo-nos um instante diante do princípio, elementar ou essencial, da “continuidade ou da “não interrupção” forçada, que é a primeira característica ou a primeira lei da transmissão do falar humano, e isso sejam quais forem, em torno da língua, as revoluções e os abalos de todo gênero que podem mudar todas as condições. (SAUSSURE, 2002, p. 151)

---

3 - Como se sabe, o **Cours de Linguistique Générale** (doravante CLG) foi redigido por Bally e Séchehay, que não tinham assistido às aulas de Saussure, e que exploraram os cadernos de notas dos estudantes bem como algumas notas manuscritas do autor. Nossa análise dessa obra se funda na integralidade dos cadernos de notas, num caderno descoberto posteriormente (CONSTANTIN, 2005), bem como na transcrição de diversos manuscritos de Saussure.

Essa ênfase na continuidade o conduziu então a destacar que não existe cisão verdadeira entre as diversas línguas naturais, e que só existe de fato “uma única língua”, em funcionamento desde o surgimento da espécie:

(...) eu insistiria mais uma vez na impossibilidade radical, não apenas de qualquer ruptura, mas de qualquer sobresalto, na “tradição contínua da língua desde o primeiro dia em que uma sociedade humana falou” (...). (SAUSSURE, 2002, p. 163)

O autor propõe assim de fato que a língua constitui uma entidade “ontologicamente uma”, da qual ele dirá mais tarde que é como “um vestido coberto com remendos feitos de seu próprio tecido” (SAUSSURE, 2002, p. 235), e ele sublinha ao mesmo tempo “a unicidade de princípio” do material linguístico explorado pela espécie em suas atividades languageiras, a despeito das diferenças aparentes das línguas naturais; isso significa que, no plano antropológico, existiria um estoque de recursos que seriam perpetuamente redistribuídos no tempo e no espaço, as diversas comunidades humanas só explorando, por convenção social, os subconjuntos restritos.

Para Saussure, essa atividade languageira universal se manifesta primariamente sob a forma de textos ou de “discursos”. Se esse último termo não aparece no CLG, encontram-se múltiplas ocorrências dele nas notas manuscritas do autor, bem como nos cadernos dos estudantes que frequentaram seus cursos, e, por outro lado, o autor empreendeu longos estudos sobre a canção dos *Nibelungos* bem como sobre outros *corpora*, estudos orientados claramente pelo que hoje se chama de “análise de discurso” (cf. RASTIER, 2007; TURPIN, 2003). A posição do linguista genebrino era de fato que os discursos constituem o “ambiente de vida primeiro”, ou “fundamental”, dos fenômenos languageiros: é no quadro de sua utilização sincrônica, bem como no curso de sua transmissão histórica, que os valores significantes dos signos se constroem e se transformam continuamente:

Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), fazem-se exclusivamente no discursivo. Não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, reflexivamente, formas novas (...) que ele se proponha



(prometa) “colocar” em seu próximo discurso. Toda inovação chega de improviso, falando, e penetra, daí, seja no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, então, a propósito da linguagem discursiva. (SAUSSURE, 2002, p. 95)

Mas Saussure sublinhou também que a atividade discursiva estava articulada a “estados” de língua sucessivos, que ele descreveu e analisou sob dois ângulos distintos. Numa primeira acepção, a língua como estado é um “reservatório” (ou um “tesouro”) de “valores significantes” provenientes dos textos produzidos na atividade linguageira, tais como eles se “depositam” no “cérebro” do sujeito falante:

Tudo que é trazido aos lábios pelas necessidades do discurso, e por uma operação particular é a fala. Tudo que está contido no cérebro do indivíduo, o depósito das formas ouvidas e praticadas e de seu sentido é a língua (...) (KOMAT-SU; WOLF, 1996, p. 65-66).

Reformulando essa abordagem em termos vygotskianos, não parece injustificado considerar que esse “depósito das formas ouvidas e praticadas e de seu sentido” constitui o resultado da utilização, pelas pessoas, dos processos de apropriação e de interiorização, que se aplicam às entidades significantes veiculadas pelos textos. E se Saussure considera aqui que esse depósito é localizado “no cérebro”, em outras passagens ele pode mencionar, do mesmo modo, “a consciência dos sujeitos falantes” ou a “esfera associativa interna”, essas diversas expressões designam aquilo que chamaremos de aparelho psíquico das pessoas. Saussure acrescenta que as formas interiorizadas são reorganizadas nesse aparelho psíquico; elas aí são objeto de uma atividade de “classificação” que mobiliza os processos de associação e dá lugar à constituição de séries de termos que mantêm entre si relações de semelhança ou de diferença. Se elas são realmente provenientes dos textos, as entidades significantes se apresentam, então, na esfera associativa interna, sob modalidades diferentes daquelas da organização linear que exibem esses mesmos textos:

Eu só posso representar para mim a palavra por uma linha formada de partes sucessivas: |—|—|—|—|, tanto no interior, no cérebro, quanto na esfera da fala. Vejo que, nas duas esferas, há dois ordenamentos, que correspondem a duas ordens de relações; de um lado, há uma ordem discursiva, que é obrigatoriamente aquela de cada unidade na frase ou na palavra (significar); em seguida uma outra, a ordem intuitiva, que é aquela das associações (significar: fero, etc.) que não estão no sistema linear, mas que o espírito abarca de uma só vez. (SAUSSURE, 2002, p. 70)

Saussure coloca, assim, a existência de um primeiro tipo de estado de língua, localizado nas pessoas, e que se pode chamar de língua interna. Mas ele sustentou igualmente que a língua tinha, do mesmo modo, sua sede na coletividade: “A língua é o conjunto das formas concordantes que assume [o] fenômeno [de linguagem] numa coletividade de indivíduos e numa época determinada” (SAUSSURE, 2002, p. 129). Nessa outra abordagem, o autor postula ainda que, mesmo se ela tem, por outro lado, uma ancoragem na interioridade das pessoas, a língua permanece sempre sob o controle último do social, na ocorrência de acordos ou convenções que aí se estabelecem. Esse estado de língua coletiva é então o nível em que se exerce o controle social, ou ainda a atividade normativa das gerações de locutores, e nós a chamaremos, a partir de agora, de língua normatizada.

Resumindo essa posição, pode-se considerar que Saussure postula primeiramente duas unidades de análise “de princípio”: de um lado, a atividade de linguagem ou atividade de falar; de outro, a língua universal enquanto manifestação semiótica contínua dessa atividade, remetendo a um estoque de recursos cuja extensão parece finita. Mas ele sustenta também que a utilização efetiva dessas entidades pelos diversos grupos humanos, em circunstâncias históricas e geográficas variáveis, requer que se levem em conta três outras unidades de análise, que constituem os verdadeiros objetos de uma ciência da linguagem:

- a) os textos-discursos, como lugar primeiro de vida dos signos, no quadro dos quais os valores desses signos se refabricam permanentemente, em sincronia e em diacronia;

- b) a língua interna, como sistema de organização psíquica dos valores significantes extraídos dos textos, sistema marcado, por sua vez, pelas restrições convencionais da língua normatizada e pelas características particulares das pessoas; essa língua interna constitui um segundo lugar de vida dos signos;
- c) a língua normatizada, como sistema de organização dos valores significantes dos signos, gerada, desta vez, pelos grupos sociais e submetida a suas normas próprias de funcionamento. Trata-se aí de um terceiro lugar de vida dos signos, com caráter secundário ou abstrato: a “língua francesa”, por exemplo, só “existe” como produto de um trabalho de reconstrução por generalização e abstração, trabalho complexo e com resultados incertos como o testemunham os múltiplos modelos de estruturação dessa língua ainda hoje em concorrência.

Esses lugares de vida, fundamentalmente interdependentes, são a sede de um movimento dialético permanente: os signos e seus valores são colocados em funcionamento nos textos; eles são objeto de uma apropriação pelas pessoas e são reorganizados em seu aparelho psíquico segundo as modalidades singulares (língua interna); eles são em seguida extraídos desse mesmo aparelho e reinjetados em novos textos, sob o controle das normas da língua epônima.

### **1.3. A “indissociabilidade” dos componentes das entidades linguísticas**

Saussure descreveu de maneira detalhada os processos implicados na construção dos signos languageiros; processos que ele concebeu como se desenrolando simultaneamente, ou ainda como sendo interdependentes, como o atesta sua célebre formulação do quatérnio:

Somos sempre reconduzidos aos quatro termos irredutíveis e às três relações irredutíveis entre si que formam um todo único para o espírito: (um signo/sua significação) = (um signo/e um outro signo) e mais = (uma significação/uma outra significação). (...) É a isso que chamamos o QUATÉRNIO FINAL e, considerando os quatro termos em suas relações: a tripla relação irredutível. (SAUSSURE, 2002, p. 39)

Trata-se, por um lado, da constituição das “imagens acústicas” sobre uma face, das “imagens de sentido” sobre outra, por tratamento das entidades materiais sonoras ou das entidades mundanas referenciais. Trata-se, por outro lado, da “seleção” de uma imagem de cada um dos dois registros, no seio de um conjunto associativo a um tempo socialmente pertinente e pessoal (chamado desde então de “paradigma”). Enfim, trata-se ainda do “acoplamento” das duas imagens por uma “associação” que é constitutiva da extensão definitiva dos dois termos aos quais ela se aplica.

Nessa perspectiva, o signo constitui primeiramente uma “unidade dupla”: sua face significante e sua face significado são um e outro constituídos de formas “integralmente psíquicas”, elaboradas, na verdade, a propósito de substâncias sonoras ou referenciais, mas delimitadas, ao mesmo tempo, negativamente e convencionalmente, em oposição às outras formas disponíveis no sistema linguístico:

FORMA = Não uma certa entidade “positiva” de uma ordem qualquer (...); mas a entidade a um tempo “negativa e complexa”: que resulta (sem nenhuma espécie de base material) da “diferença” entre outras formas COMBINADA com a “diferença” de significação de outras formas. (SAUSSURE, 2002, p. 36)

Mas essa bipolaridade é “consustancial à unidade”, as duas faces só se construindo e só se delimitando por sua associação mesma, e constituindo então duas dimensões literalmente “inseparáveis”. E essa “indissociabilidade” das dimensões significante e significada é, ela mesma, fundamentalmente ligada ao caráter “arbitrário” e “social” dos signos. No primeiro plano, por um lado, a escolha e as propriedades dos significantes são totalmente independentes das propriedades dos referentes mundanos ou ideais aos quais se dirigem os significados; por outro, cada língua natural constrói seus signos segundo modalidades “particulares” e, em princípio, “aleatórias”: cada língua, tem sua maneira própria de atribuir às entidades sonoras valores opositivos, vale dizer, de constituir seus fonemas e sua maneira própria de articular esses últimos para formar significantes; e cada língua tem igualmente sua maneira própria de delimitar a extensão designativa

dos significantes, vale dizer, de construir e de diferenciar seus significados. No segundo plano, o conjunto dos processos e/ou escolhas que acabam de ser evocados só procedem em verdade dos “acordos” que se estabelecem implicitamente no seio de uma comunidade verbal, no curso mesmo das produções textuais, e que se transformam continuamente sob o efeito da transmissão e das interpretações desses textos.

Se esta análise foi essencialmente elaborada com base no exame de entidades do tamanho da palavra, Saussure, entretanto, indicou claramente que ela devia se aplicar também às unidades linguísticas de nível inferior (os morfemas) e às unidades de nível superior:

Essa questão da ordem das subunidades na palavra se relaciona exatamente com [aquela] do lugar da palavra na frase: trata-se de sintaxe, mesmo quando se trata de sufixos; é uma outra espécie de sintaxe, mas, ainda assim, sintaxe. (KOMATSU & WOLF, 1996, p. 70)

E como o mostrou em particular seu trabalho sobre as Lendas (cf. TURPIN, 2003), ele sustentava que as propriedades semióticas que ele havia posto em evidência nos níveis das palavras deviam se reencontrar (ser encontradas) em todos os níveis da organização linguística: “Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc., sendo o todo inseparável” (SAUSSURE, 2002, p. 45).

A abordagem de Saussure leva então a considerar que em toda entidade linguística, seja qual for seu tamanho e seu estatuto, as dimensões significante e significada são co-construídas, correlativas e indissociáveis. E mesmo se ela não é totalmente explícita nesse ponto, ela leva também a considerar que os significados combinam sempre um valor denotativo e um valor de ordem ilocutória, essa última constituindo o lado “interno” ou propriamente linguístico dos fenômenos pragmáticos (o aspecto perlocutório constituindo o lado “externo” ou comportamental).

## **2. Alguns aspectos do programa do “interacionismo sociodiscursivo”**

Como mencionamos (cf. 1.1 supra), o interacionismo sociodiscursivo

se integra ao programa geral do interacionismo social, pondo um acento particular sobre a análise do papel da atividade linguageira no desenvolvimento das pessoas. No plano dos pré-construídos, nossos trabalhos visam, de um lado, a elaborar um modelo de organização geral dos textos que conceda um estatuto decisivo aos “tipos de discurso” que se combinam aí, de outro, a conceptualizar as modalidades de interação entre os textos e seu entorno (sobre esse último ponto, cf. BRONCKART, 2008a, p. 39-50). No plano das mediações formativas, um conjunto de trabalhos trataram da problemática da didática dos textos-discursos em situação escolar e consistiram sobretudo na criação de módulos de lições-tipos chamadas de “sequências didáticas”, bem como em estudos do conteúdo efetivo das sequências didáticas realizadas em sala, visando a avaliar sua eficácia e os diferentes problemas que pode apresentar sua aplicação (cf. BRONCKART, 2008b). Um conjunto de trabalho mais recentes tratam da formação dos adultos. Nesse domínio foram criados, há duas décadas, dispositivos de análise das práticas (autoconfrontação, instrução ao sócia, entrevistas de diversos tipos, etc) que consistem globalmente em confrontar um trabalhador com segmentos de atividades realizadas (segmentos filmados ou simplesmente descritos, concernentes a sua própria atividade ou à de colegas), de maneira a tornar conscientes aspectos do trabalho até então não percebidos, a transformar mais amplamente as representações dos profissionais a propósito de suas tarefas ou de sua profissão, e a contribuir para seu desenvolvimento profissional e pessoal. Nossa investida nesse domínio consistiu em organizar dispositivos de entrevistas e em analisar os textos assim obtidos, centrando-nos no papel que desempenham as operações linguageiras efetivamente utilizadas pelos profissionais no decorrer da entrevista sobre o conteúdo das representações de seu agir, de um lado, sobre as capacidades ou competências que eles se atribuem, de outro. Abordagem que nos levou a nos interrogarmos também sobre as condições sob as quais as verbalizações ou tomadas de consciência assim suscitadas podiam constituir uma verdadeira mola propulsora de desenvolvimento (cf. BRONCKART; BULEA, 2006; BULEA, 2007, 2008; BULEA; FRISTALON, 2004). No plano das condições de constituição e de desenvolvimento do psiquismo humano, um primeiro eixo de pesquisa (linha de pesquisa) consistiu em

explorar a análise saussuriana da essência dos signos (cf. 1.3, supra) para aprofundar e validar tecnicamente a tese vygotskiana do papel decisivo que desempenham esses últimos na constituição do pensamento consciente (cf. BRONCKART, 1997a). Uma segunda linha de pesquisa diz respeito às condições de desenvolvimento ulterior do pensamento e visa a validar a tese do papel essencial que desempenham os tipos de discurso na matriz de diferentes tipos de raciocínios humanos (cf. BRONCKART, 2004).

No conjunto desses trabalhos, adotamos um mesmo procedimento metodológico, fundado nos três princípios seguintes.

Analisamos primeiramente as condições externas de produção de textos, tentando identificar em particular: o “campo prático” (cf. RASTIER, 2001, p. 230-231) em cujo quadro um texto é produzido, bem como o tipo de atividade específica à qual esse texto se articula (que ele comenta, regula, planifica, etc.); a situação física (inscrição no espaço-tempo) e social do autor e dos destinatários do ato de produção textual (os papéis sociais que eles assumem); o modelo de “gênero” que é de fato solicitado no arquitexto da comunidade e explorado nesse contexto determinado.

Os resultados desse primeiro tipo de estudo são, entretanto, momentaneamente deixados em suspenso durante a segunda fase, que consiste em analisar as características linguísticas efetivas dos textos produzidos, em referência ao modelo da arquitetura textual que elaboramos.

Além disso, essa fase é estritamente interna (trata-se de se centrar em todas as informações que pode fornecer o próprio texto, sem levar em conta parâmetros externos) e igualmente “descendente”, partindo do global para o local: são primeiramente considerados os elementos de estruturação temática e as articulações dos tipos de discurso que constituem a infra-estrutura de um texto; em seguida, são considerados os procedimentos isotópicos de alcance mais ou menos importante (como as retomadas anafóricas, por exemplo) enfim, ocorrências de unidades ou de estruturas mais locais (como os tempos verbais, as modalizações, etc).

As entidades linguísticas locais são então objeto de uma fase última de análise que consiste em pôr em evidência as determinações que exercem sobre elas os fatores contextuais e cotextuais, e em tentar identificar a função que elas asseguram na situação de interação verbal que materializa o

texto. Nessa perspectiva, não atribuímos, evidentemente, nenhum estatuto privilegiado às entidades da ordem da frase, do conceito, até mesmo do enunciado; nós apreendemos unidades de tamanhos diferentes (morfemas, lexemas, sintagmas, etc) simultaneamente em sua dimensão significante e em sua dimensão significada, e considerando que essa última dimensão é sempre, em si mesma, portadora de valores denotativos ou epistêmicos e portadora de valores “ilocutórios” ou praxiológicos.

No que se segue, apresentaremos mais em detalhe nossa concepção da arquitetura textual, bem como o estatuto que atribuímos aos tipos de discurso, elementos necessários para a compreensão dos aspectos técnicos dos dois tipos de pesquisas empíricas que serão apresentadas mais adiante, nos itens 3 a 5.

### 2.1. Um “modelo” da arquitetura textual

Como indicamos anteriormente, propusemos versões sucessivas de um “modelo” que constitui de fato um esboço teórico a ser retrabalhado permanentemente (BRONCKART *et al*, 1985; BRONCKART, 1997b; 2008a). Fundado na análise quantitativa das distribuições de unidades linguísticas atestáveis num vasto *corpus* de textos do francês contemporâneo (vários milhares de itens), esse modelo visa a conceptualizar as operações psicolinguageiras das quais essas unidades constituem os traços, e é organizado em três níveis hierárquicos.

O primeiro nível refere-se à infra-estrutura do texto (fortemente dependente do gênero a que esse texto pertence) e tem dois componentes. Um é centrado na dimensão temática e sua organização; este se relaciona com universos semânticos mobilizados e com as condições de seu desenvolvimento em séries isotópicas de semas, bem como com formas de planificação que articulam o conjunto dos universos semânticos convocados. O outro se refere aos “tipos de discurso”, que se combinam segundo modalidades diversas no interior de um gênero. Esses tipos de discurso correspondem ao que Genette (1986) chamou de “modos de discurso”, a saber, formas de organização enunciativa marcadas por configurações de unidades relativamente estáveis (implicando sobretudo as marcas de agentividade e de organização temporal). Trata-se, então, de formas de organização que



são infraordenadas com relação aos gêneros e que são em número limitado; dessas, destacamos quatro, chamadas “discurso interativo”, “discurso teórico”, “relato interativo” e “narração”.

O segundo nível refere-se às operações que visam a garantir a coerência temática de um texto, a despeito da eventual heterogeneidade (temática e/ou discursiva) de sua infraestrutura; trata-se, nesse caso, das operações de conexão (decompondo-se em diversas suboperações e marcadas por séries isotópicas de organizadores textuais) e das operações de coesão nominal (tendo relação com as modalidades de gestão da correferência e marcadas pelos procedimentos de retomada anafórica). Esse nível apresenta um caráter “intermediário”, na medida em que, se as operações referidas são suscetíveis de se aplicar ao texto em sua totalidade, as unidades de marcação variam quanto a elas segundo o tipo de discurso no interior do qual elas aparecem.

O terceiro nível refere-se, enfim, às operações que asseguram a coerência interativa de um texto, vale dizer, que visam a explicitar, em favor dos destinatários, as instâncias que assumem a responsabilidade do *dictum* textual, bem como as avaliações trazidas por essas instâncias sobre um ou outro elemento desse mesmo *dictum*. São aqui referidas, principalmente: primeiro as modalidades de confecção do “plano enunciativo”, como instância formal geradora do conjunto dos engajamentos interativos testemunhados pelo texto (noção tomada de empréstimo de Rastier e que substitui utilmente as noções muito reificantes de “narrador”, “enunciador”, e mesmo de “textualizador”); em seguida, os diversos tipos de “voz” e/ou de “pontos de vista” que são utilizados e distribuídos, de maneira marcada ou não, a partir do plano enunciativo; enfim, as diversas operações de modalização (epistêmica, deontica, apreciativa, etc), que explicitam as avaliações ou os julgamentos trazidos, a partir de uma voz dada, sobre certos aspectos do *dictum*. Esse nível parece o mais “superficial”, na medida em que a realização de uma operação e de suas formas de marcação não parece restringida pelo teor da organização infraestrutural (notadamente pela distribuição dos tipos de discurso), e é também independente das condições de distribuição das séries isotópicas que asseguram a coerência temática: a importância quantitativa das marcações de voz ou de modalizações pode

variar consideravelmente segundo os textos; a localização dessas ocorrências no interior de um texto é manifestamente aleatória; e as marcas exploradas são de estatutos muito diferentes (tempos dos verbos, auxiliares, advérbios, perífrases, etc).

## **2.2. O estatuto dos “tipos de discurso”**

Tais como os definimos (cf. BRONCKART, 1997b, p. 137-218), os tipos de discurso são configurações de unidades e processos linguísticos relativamente estáveis, infraordenados com relação aos gêneros textuais e traduzindo uma “atitude discursiva global” que chamamos “mundo discursivo”. Esses mundos discursivos se constroem sobre a base de dois tipos de operações. As primeiras explicitam a relação existente entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático de um texto e as coordenadas do mundo externo no qual se desenvolve a ação languageira da qual o texto proveio. As segundas colocam em relação, de um lado, as diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc) e sua inscrição espaciotemporal, tais como são mobilizadas num texto, e, de outro, os parâmetros materiais da ação languageira em curso (agente produtor, interlocutor eventual e espaço-tempo de produção).

Para o primeiro tipo de operação, ou as coordenadas do mundo discursivo são apresentadas como claramente disjuntas das do mundo da ação languageira, ou esse afastamento não ocorre, e as duas espécies de coordenadas são então necessariamente conjuntas. No primeiro caso, em que os temas mobilizados se referem a fatos passados e atestados, a fatos por vir, plausíveis ou puramente imaginários, sua organização se ancora numa origem temporal que especifica o tipo de disjunção operada (um dia, ontem, no ano 2058, etc). Os fatos organizados a partir dessa ancoragem são então narrados “como se tivessem ocorrido”. No segundo caso, os temas mobilizados, uma vez que eles não se ancoram em nenhuma origem temporal, organizam-se inevitavelmente em referência mais ou menos direta às coordenadas do mundo da ação languageira. Os fatos são, então, apresentados como se permanecessem acessíveis no mundo; não são narrados, mas são mostrados, ou ainda expostos. Essa primeira distinção leva, assim, a distinguir os mundos da ordem do “narrar” e os mundos da ordem do “expor”.

Para o segundo tipo de operação, ou um segmento de texto explicita a relação que suas instâncias de agentividade mantêm com os parâmetros materiais da ação languageira (agente, produtor, interlocutor eventual, e sua situação no espaço-tempo), ou essa relação não é explicitada e as instâncias de agentividade desse segmento mantêm, então, uma relação de indiferença com os parâmetros da ação languageira em curso. Nesse primeiro caso, o texto mobilizado implica os parâmetros da ação languageira, sob a forma de remissões dêiticas a esses mesmos parâmetros e, em consequência, para interpretá-lo completamente é preciso ter acesso a essas condições de produção. No segundo caso, o texto se apresenta numa relação de autonomia em relação aos parâmetros da ação languageira, e sua interpretação não requer nenhum conhecimento das condições de produção. Uma segunda distinção geral pode, assim, ser posta entre os mundos discursivos, que exigem seja uma relação de implicação, seja uma relação de autonomia, no que se refere aos parâmetros da ação languageira.

Cruzando essas duas distinções, chega-se à identificação de quatro mundos discursivos, que são “traduzidos” por essas configurações de uni-dades e de processos linguísticos (em parte semelhantes entre si, em parte próprios da língua mobilizada) que chamamos de tipos de discurso: o mundo do “expor” implicado se realiza em discurso interativo; o mundo do “expor” autônomo, em discurso teórico; o mundo do “narrar” implicado, em “relato interativo”; e o mundo do “narrar” autônomo, em narração.

### **3. Papel e efeitos das operações languageiras em situação de trabalho**

No que se segue, comentaremos alguns resultados obtidos no quadro de uma das pesquisas<sup>4</sup> que conduzimos no domínio da “formação dos adultos”, que visa a analisar as funções e o papel que desempenham as operações languageiras (tais como apresentadas anteriormente) na gestão das tarefas de trabalho, de um lado, e na elaboração e desenvolvimento das representações dessas tarefas (e mais geralmente do trabalho e/ou da

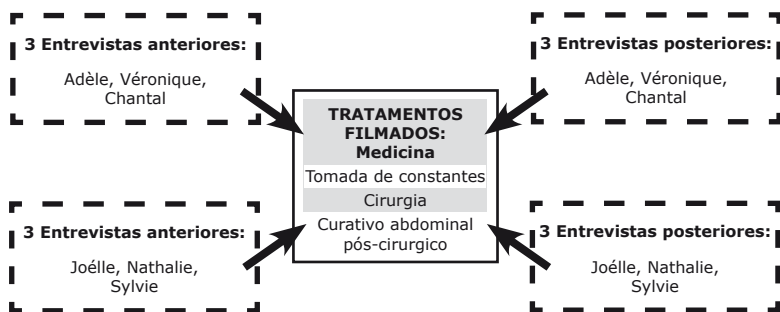
---

4 - Intitulada “A análise das ações e dos discursos em situação de trabalho e sua exploração nos procedimentos de formação”, essa pesquisa beneficiou-se de dois subsídios do Fonds National Suisse de la Recherche Scientifique (Nº 114-065376 et Nº 101311-101609).

profissão), de outro.

Essa pesquisa se desenvolveu em três locais de trabalho, os quais se diferenciam pelo “tipo de interação” exigida dos trabalhadores. O primeiro é uma empresa de fabricação de material farmacêutico, na qual as atividades vão do acondicionamento e do preenchimento de bolsas de perfusão até a manutenção de máquinas: a situação se caracteriza, assim, pela interação entre um trabalhador e um dispositivo mecânico. O segundo é uma instituição hospitalar, e a pesquisa abordou os tratamentos realizados por enfermeiras em um paciente, essa situação implicando a interação entre um actante e uma pessoa singular. O terceiro local é uma instituição de formação de professores, tendo a pesquisa aí se ocupado da formação dos professores de alemão, situação que implica a interação entre um formador e um grupo de alunos. Em cada um dos locais, selecionamos três “tarefas” distintas, a propósito das quais recolhemos três “conjuntos de dados”: o primeiro é constituído da totalidade dos documentos produzidos pelas organizações referidas com o objetivo de preparar, de organizar ou de planificar as tarefas selecionadas, documentos que explicitam, portanto, o “trabalho” tal como ele é “prescrito” nessas mesmas organizações; o segundo é constituído de registros audiovisuais das condutas verbais e não verbais de três trabalhadores diferentes que efetuam uma das tarefas selecionadas, os quais dão, portanto, acesso ao “trabalho real” dessas pessoas; o terceiro conjunto é constituído pelos “textos de entrevistas” realizadas com cada um dos trabalhadores observados, seja antes (entrevistas anteriores), seja depois da realização da tarefa gravada (entrevistas posteriores), textos que dão, assim, acesso ao “trabalho” tal qual ele é “representado” ou “interpretado” pelos trabalhadores. Esses três conjuntos de dados foram objeto de múltiplas análises comparativas, cujos resultados não poderemos apresentar aqui (para uma síntese, cf. BRONCKART, 2008c).

Vamos nos limitar ao exame de alguns dados provenientes do contexto hospitalar, colhidos nos filmes de dois tratamentos realizados por três enfermeiras, e das entrevistas anteriores e posteriores realizadas com essas últimas, segundo o esquema que se segue.



#### 4. Os efeitos praxiológicos da atividade linguageira

A atividade linguageira (e as operações que ela implica) desempenha um papel essencial na gestão e na organização das tarefas, e para ilustrar esses efeitos praxiológicos, examinaremos trechos da transcrição<sup>5</sup> do registro da administração sobre o tratamento de curativo abdominal pós-operatório feito pela enfermeira Joëlle.

Essa transcrição faz aparecer, de início, uma característica comum a todas as situações de trabalho que analisamos, e que Filliettaz (2005) chamou de “polifocalização” da atividade de trabalho: observa-se, com efeito, que, no curso mesmo da realização de sua tarefa de administração de um tratamento específico a um paciente determinado, a enfermeira executa também outras ações, destinadas, de um lado, aos outros pacientes da sala do hospital, e de outro, aos dois pesquisadores que estão filmando a cena. Essa tarefa particular se integra, então, a uma atividade mais global, que se desenvolve aqui em função de três “quadros de interação” (no sentido de GOFFMAN, 1991): um quadro “local”, que diz respeito ao paciente a ser tratado (P1); um quadro “global”, que diz respeito aos outros pacientes da sala (PS); um quadro “meta”, que diz respeito aos pesquisadores (CH). Essa polifocalização se verifica desde a entrada da enfermeira na sala, como o mostra o trecho 1, e ela se prolongará, de fato, durante todo o episódio filmado.

5 - Os dados do contexto hospitalar foram recolhidos por Ecaterina Bulea e Isabelle Fristalon. Nessa transcrição, a abreviação J. remete à enfermeira Joëlle (prenome fictício); PS, ao conjunto dos pacientes; P1 ao paciente referido; P2 a um outro paciente do quarto; CH aos pesquisadores. As convenções de transcrição das produções verbais são apresentadas em anexo.

		<b>Interações verbais</b>	<b>Atos, gestos, condutas não verbais de J.</b>
1	J>PS	<i>eu tenho eu tenho alguns câmeras comigo</i>	Corre os olhos pelo quarto Põe seu carrinho diante do leito de P1. Dirige-se para o leito de P2, onde um alarme está soando Regula o dosador de P2 (6 minutos)
2	J>P1	<i>então nós / a gente vai subir a cama†</i>	Pega novamente seu carrinho e o coloca ao lado do leito de P1, em prolongamento à mesa de cabeceira. (P1 manipula o controle remoto para fazer subir a cama.) Empurra o criado e redistribui o material sobre o carrinho e sobre a mesa de cabeceira, de costas para P1.
3	P1	está bem † xxx (rì)	
4	J>P1 J>CH  J>P1	está me gozando <i>ele está me gozando hein que coisa desde ontem / eu acho eu me vingarei</i>	Continua a “disposer” seu material. Volta-se para P1 e descobre a zona abdominal em que vai trabalhar.

Trecho 1: A disposição dos três quadros de interação  
(enunciados em negrito itálico)

Na sequência do episódio, as produções verbais da enfermeira garantem “funções” diferentes, que variam segundo os quadros de interação.

Em se tratando do “quadro local”, pode-se notadamente identificar enunciados que garantem uma função de “planificação” ou de “regulação” da tarefa, da qual segue um exemplo:

		Interações verbais	Atos, gestos, condutas não verbais de J.
8	J	<p><i>agora</i> não [P1: <i>não</i>] desse jeito eu poderei te incomodar agora mesmo /// <i>então hoje nós a movemos três centímetros / e a gente espera que amanhã / ela caia</i> [P1: ah] ou a gente faz com que aconteça</p>	<p>Pega as luvas não esterilizadas no carrinho Olha P1. Coloca as luvas diante de P1.</p>

Trecho 2: Produções linguageiras com a função de planificação

Diversos outros enunciados garantem uma função de “contato” com o paciente e de conforto desse último, como atesta o trecho 3, no qual, após haver perguntado ao paciente se ele tinha sentido dor durante a intervenção dela (“como está indo?”; “sentiu a picada?”), a enfermeira faz algumas brincadeiras, ironizando o caráter agradável do frio, e, no momento de aplicar a última compressa, diz “um último copinho para a estrada”, expressão do francês popular que evoca o último copo que se bebe antes de partir:

		Interações verbais	Atos, gestos, condutas não verbais de J.
63	J>P1	<i>como é que vai aí</i> ↑	
64	P1	tudo bem	
65	J>P1	<i> você sentiu a picada quando passei na de cima</i> ↑	Continua a desinfetar enquanto olha o ferimento.
66	P1	Não	
67	J	não ↑	
68	P1	só senti o frio nada mais	
69	J>P1	<p><i> você sentiu o frio</i> ↑ / <i>deve estar agradável</i> /// é isso /// <i>um último copinho para a estrada</i> tudo bem ↑</p>	<p>Elimina a compressa. Pega uma outra compressa. Desinfeta o ferimento novamente. Joga fora a compressa. Pega uma outra compressa. Desinfeta. Olha P1.</p>

Trecho 3: Produções linguageiras com a função de contato e de conforto

Outros enunciados, enfim, garantem uma função de “avaliação”, seja tratando sobre a qualidade da intervenção, seja sobre o estado do paciente no final da intervenção:

		<b>Interações verbais</b>	<b>Atos, gestos, condutas não verbais de J.</b>
81	J>P1	<i>então tá /// vamos dar um jeitinho // é isso ufa /// a gente tirou já tudo isso</i>	Passa a sonda nova através do dreno. Fecha a sonda com pinças. Corta a ponta do dreno. Mostra a parte retirada a P1.
82	P1	não foi <u>nada mal</u>	
83	J>P1	<u>nada mal heim</u> ↑	
84	P1	<u>é</u>	Elimina a parte do dreno cortada.

Trecho 4: Produções languageiras com a função de avaliação

No que se refere ao “quadro global”, os enunciados da enfermeira tiveram por função “manter o contato” com os outros pacientes, o que se traduz por longas trocas com esses últimos, sob a forma da brincadeira, trocas que ocorreram no curso mesmo da realização do tratamento.

Em se tratando, enfim, do quadro “meta”, os enunciados da enfermeira têm uma função de “preservação da face” (no sentido de GOFFMAN, 1974), isto é, visam a assegurar o “conteúdo” psicológico dessa última em relação às duas pesquisadoras que a observam:



		Interações verbais	Atos, gestos, condutas não verbais de J.
22	J>P1	então ninguém tocou nisso aqui n'ê	Volta-se para o carrinho e começa a abrir a bandeja de curativos. Olha para P1.
	J>CH	opa <i>eu tenho a impressão de estar tirando o diploma [P1: risos] // é o que eu dizia às senhoras há pouco /// porque quando você tira o diploma / tem uma banca // e a banca / veja só tem duas pesso::as / ficam olhando você faze::r / ninguém fala na::da / é::</i>	Continua a abrir a bandeja com a ajuda de uma pinça cirúrgica. Tenta várias vezes alisar o papel de embalagem da bandeja de curativos.

Trecho 5: Produções languageiras com a função de preservação da face

No conjunto dessa gravação, as produções verbais da enfermeira têm como papel principal, de um lado, articular os três quadros de interação nos quais ela se acha implicada; de outro, garantir diversas funções específicas. Se essas produções se desenrolam sem interrupção e pertencem majoritariamente ao “discurso interativo”, nota-se, entretanto, que as transições entre quadros ou entre funções se caracterizam regularmente por modificações nas indicações temporais e no emprego das unidades dêiticas, dando lugar a breves segmentos de “discurso teórico”.

No trecho 5, a enfermeira intervém primeiramente no “quadro local”, com um enunciado (“então ninguém tocou nisso aqui n'ê?”) que é saturado de unidades dêiticas e cujo tempo verbal exprime “simultaneidade” com relação à situação atual de intervenção; ela intervém imediatamente em seguida no “quadro” “meta”, com um enunciado no qual os dêiticos estão ausentes e em que os tempos dos verbos exprimem um valor “neutro” ou indeterminado (“quando você tira o diploma (...) tem uma banca examinadora (...) ficam olhando você fazer; ninguém fala nada”).

No trecho 2, permanecendo no quadro local, a enfermeira produz

primeiramente um enunciado com “função de contato”, também saturado de dêiticos e no qual o tempo do verbo exprime “posterioridade”; em seguida ela produz um enunciado com “função de planificação”, no qual os dêiticos estão ausentes e os tempos verbais exprimem um valor neutro.

Essas transições entre quadros ou entre funções implicam, assim, lances de mudança dos tipos de discurso mobilizados, e é a matriz das operações linguageiras implicadas por essas mudanças que constitui a mola propulsora da eficácia da enfermeira nesse trabalho complexo.

## 5. Os efeitos epistêmicos dos tipos de discurso

A análise dos textos de “entrevista” com as enfermeiras, efetuada segundo a metodologia descrita na seção 2, permitiu pôr em evidência cinco configurações interpretativas distintas, que chamamos de “figuras de ação”. Essas figuras constituem o produto da gestão, pelas enfermeiras, de uma “dupla heterogeneidade” infraestrutural: a heterogeneidade “temática”, de um lado, caracterizada pelos diversos temas e subtemas pertinentes ao agir (a caracterização do tratamento, sua preparação, sua realização efetiva, etc), abordados de maneira aleatória, o que comprova o fato de que a ordem mundana do tratamento não predetermina de modo algum a estruturação temática das produções verbais a respeito disso; a heterogeneidade “discursiva”, de outro lado, marcada pelos tipos de discurso mobilizados (na ocorrência filmada, o “discurso interativo”, o relato “interativo” e o “discurso teórico”), que variam no decorrer de uma entrevista e se distribuem independentemente das concentrações temáticas, o que comprova o fato de que um tema dado não demanda necessariamente uma certa formulação linguageira, mas é potencialmente estruturável segundo uma ou outra das organizações discursivas disponibilizadas pela língua.

Evocaremos, primeiramente, as principais características das “figuras de ação”, a fim de colocar em evidência um primeiro aspecto dos efeitos epistêmicos dos tipos de discurso, a saber: a incidência desses últimos sobre a “apreensão” do agir e/ou de suas dimensões e, conseqüentemente, sobre as “significações” e os “conhecimentos” que são aí produzidos. Abordaremos, em seguida, um segundo aspecto desses mesmos efeitos,

que diz respeito aos “tipos de raciocínios” atestáveis nas figuras de ação e que os tipos de discurso permitem acionar.

### 5.1. A ação-ocorrência<sup>6</sup>

(Trecho 6) N.: agora eu vou fazer / então ela passou por uma:: colicesctomia mas foi uma intervenção delicada / então é por isso que ela tem dores fortes é:: no pós-operatório / ela tem uma transver- é:: uma transversal subcostal / [ENT: hum hum] é necessário que eu olhe são os primeiros cura- / primeiros curativos pós-operatórios / em quarenta e oito horas então / eu não sei o que há aí embaixo é:: / pode ser *steri-strips* grampos ou pontos / você vê // (...) senão ela tem uma lâmina / ondulada com coletor [ENT: hum hum] // não é preciso mexer com ela por ora eu chamei o coordenador do serviço médico [ENT: certo xxx] então isso que eu faço é desinfetar eu simplesmente coloco um coletor limpo / e depois é:: / ela tem um dreno de Kehr / que / que deve ser mantido em todo caso durante dez doze dias / porque depois eles fazem o seu controle pelo dreno / na altura das vias biliares (Nathalie; Entrevista anterior; Tema: “Desenvolvimento – Realização”)

A figura da “ação-ocorrência” constitui uma apreensão do tratamento como contíguo a sua formulação linguageira e se caracteriza, assim, por um “grau muito forte de contextualização”. Sua construção repousa sobre a identificação de um conjunto de ingredientes do agir apreendido em suas dimensões particulares (tal enfermeira, tal paciente, tal situação, etc), ou enquanto dimensões espaciotemporalmente acessíveis ao actante.

Do ponto de vista de sua organização discursiva, essa figura aparece quase exclusivamente em segmentos de “discurso interativo”, nos quais são frequentemente encaixadas passagens de “discurso reportado”. O conteúdo temático mobilizado é organizado em relação direta com os parâmetros psíquicos e actanciais da situação de entrevista, o eixo de referência temporal sendo, principalmente, aquele dessa mesma situação. Em referência a esse

---

6 - A apresentação de cada figura comportará um exemplo, transcrito segundo as convenções que figuram em anexo. Indicamos, ao fim de cada trecho, a entrevista da qual ele provém e o tema abordado.

eixo, observa-se um grande número de marcações “de anterioridade” (“ela teve”), de “posterioridade” (“eu vou fazer”) e de “simultaneidade” (“eu não sei”), cuja alternância é muito frequente e rápida. Além disso, constata-se a criação de eixos de referência locais, remetendo, notadamente, à situação de tratamento, aos processos (codificados por formas verbais de “presente” com valor psicológico: “eu desinfeto”, “eu coloco”), sendo apreendidos como “incluídos” na duração representada por esse tipo de eixo.

Do ponto de vista das marcas de agentividade, a enfermeira é designada quase exclusivamente pelo “eu”, o que sinaliza sua forte implicação, ou seu estatuto de “ator”. Os pacientes são identificados por seu nome, ou designados por pronomes pessoais de terceira pessoa (“ele”, “ela”, “lhe”), unidões cujo funcionamento é, no caso examinado, frequentemente dêitico.

Enfim, essa figura se caracteriza por um grande número de relações predicativas indiretas, das quais cerca de 70% constituem modalizações “pragmáticas”. Ela comporta, igualmente, numerosas modalizações exteriores às relações predicativas, cuja maior parte é de modalizações “deônticas” (“é preciso que eu olhe”).

## **5.2. A ação-acontecimento passado**

(Trecho 7) N: (...) a última vez por exemplo você vê eu devia tirar os pontos de um paciente / e: // ele tinha / um acúmulo de / de líquido seroso na altura da cicatriz eu tinha a cicatriz que se abriu // a extremidade da cicatriz / ele tinha uma mediana / era a extremidade da cicatriz que se abriu / sabe? [ENT: no momento em que você fez o curativo] no lugar em que tirei os pontos e depois você sabe eu comecei a pressionar e logo começou a escorrer / e é:: abriu está vendo / então nesse caso bem você chama quem operou e então você lhe pergunta o que ele quer / o que ele quer fazer (Nathalie; Entrevista anterior; Tema: “Desenvolvimento – Possíveis”)

A “ação-acontecimento passado” propõe uma apreensão retrospectiva do agir, na qual esse último é sempre apreendido em sua singularidade, mas sem relação de contiguidade com a situação de sua configuração linguageira. Essa figura consiste na delimitação e na extração (do passado) de uma unidade praxiológica identificada, saliente e ilustrativa do agir, e

ela testemunha uma contextualização manifesta, porém, “fragmentária” e “seletiva”.

Do ponto de vista de sua organização discursiva, essa figura aparece em segmentos de “relato interativo”, sendo os procedimentos evocados apreendidos em referência a um eixo temporal localizado anteriormente à situação de entrevista, e cuja origem é marcada (“a última vez”). Se o conteúdo é assim posto de lado em relação aos parâmetros da situação de entrevista, o actante se mantém, todavia, “implicado” no acontecimento relatado, sendo essa implicação marcada, como na figura precedente, pela presença maciça do pronome “eu”. Mas, contrariamente à “ação-ocorrência”, o destinatário do agir é designado pelo termo genérico “paciente”, que reveste a função de fonte de série isotópica, funcionando o pronome de terceira pessoa (ele), nesse caso, como substituição anafórica. A coesão verbal é garantida por mecanismos específicos do relato; os mais frequentes são as marcações isocrônicas, realizadas em francês por formas de “pretérito perfeito composto e imperfeito”, que tendem a reproduzir a ordem na qual se desenvolveram os fatos narrados.

Mas é a função de “contraste” assegurada pelas formas verbais que parece particularmente investida dessa figura, pelo fato de que os processos colocados em “primeiro plano” e codificados no “pretérito perfeito composto” coincidem com a “atorialidade”<sup>7</sup> da enfermeira, e pelo fato de que os processos colocados no “plano de fundo” e codificados no “imperfeito” dizem respeito ao paciente, à situação ou a outros protagonistas do tratamento.

A “ação-acontecimento passado” se caracteriza, enfim, por uma superposição entre propriedades discursivas e recursos linguísticos próprios do “relato interativo”, de um lado, e estruturação dos fatos narrados no âmbito do “esquema narrativo prototípico” (situação inicial, complicação, resolução, avaliação), de outro. E é essa característica que deixa entrever seu estatuto de “acontecimento” com relação à experiência passada ordinária do actante.

---

7 - N.t.: com esse termo, os autores se referem ao papel desempenhado pela enfermeira.

### 5.3. A ação-experiência

(Trecho 8) N: normalmente quando eu faço os curativos eu explico o que eu estou fazendo / eu lhes pergunto se eles querem ver a cicatriz frequentemente eles dizem não [ENT: hum] você sabe os primeiros dias / sobretudo quando são grandes intervenções // e depois é:: / frequentemente os pacientes eles ficam aflitos para saber ela está bem, se ela ficou bonita se ela é fina se é:: se ela está infeccionada ou não / e depois você lhes dá as informações / você lhes diz o que você está fazendo que você está desinfetando e tal / é:: / depois após você lhes explicar a sequência / porque muitas vezes são pacientes que estão voltando para casa [ENT: hum hum] e você marca para eles um retorno para é:: / para vir tirar os pontos (Nathalie; Entrevista posterior; Tema: “Desenvolvimento Realização”)

A figura da “ação-experiência” constitui uma apreensão do agir sob o ângulo da cristalização pessoal de múltiplas ocorrências de agir vivido: ela propõe uma espécie de balanço do estado atual da experiência do actante com relação à tarefa referida, repousando sobre a “sedimentação” e sobre a dessingularização (ou a descontextualização) de práticas repetidas dessa tarefa. Não estando mais ligada a um contexto singular, a “ação-experiência” apreende notadamente os constituintes estáveis do agir, suas variantes com grande recorrência, bem como as características próprias do actante, seus modos de fazer, que transcendem a singularidade das situações.

Do ponto de vista enunciativo, a “ação-experiência” é organizada, principalmente, sob a forma de “discurso interativo”; mas, contrariamente à “ação-ocorrência”, o eixo de referência temporal é aqui “não delimitado”, e geralmente marcado por advérbios ou sintagmas preposicionais de matiz generalizante e reiterativa (“normalmente”, “frequentemente”, “de todo modo”, etc). Além disso, esse eixo é homogêneo, estando a criação de eixos locais praticamente ausente. Por essas características, as sinalizações próprias dessa figura são neutras, marcadas por formas de “presente” genérico. Na ausência de marcações proativas ou retroativas, sua organização discursiva se opera por “justaposição de processos”, que tendem a reproduzir a ordem cronológica do tratamento e cujo encadeamento é marcado por organizadores temporais. Uma das particularidades da “ação-experiência” reside na abundância de “marcas de variabilidade”, que sinalizam notadamente

pontos de bifurcação do agir. Para isso, diversas estratégias linguísticas são utilizadas: as estruturas com se (cf. o trecho 8) e, mais frequentemente, as estruturas verbais que alternam forma afirmativa e negativa (“você lava o fermento ou não”).

Do ponto de vista agentivo, observa-se o cofuncionamento de várias formas pronominais (“eu”, “você”, “a gente”), sendo a mais frequente a forma “você” com valor genérico. Isso atesta a dissociação entre o autor do processo evocado e o autor da ação languageira, sendo a implicação da enfermeira menor que nas figuras precedentes. De fato, essa última tem ora o estatuto de “ator-regulador de bifurcações”, ora o de “sede de capitalização da experiência”, duplo estatuto que se acha, além disso, relegado ao plano das modalizações (diminuição sensível das modalizações pragmáticas e nítido aumento das modalizações “epistêmicas” e “deônticas”).

#### 5.4. A ação canônica

(Trecho 9) S: o tratamento ele começa no momento em que a gente entra no quarto // ele começa até mesmo antes quando a gente antecipou o tratamento (...) a instalação é:: a gente descobre o ferimento a gente prepara o / todo o material [ENT: hum hum] / depois a gente faz o curativo a gente comunica / a gente fecha o curativo a gente reinstala o paciente a gente coloca a faixa a gente coloca a roupa nele novamente / a gente recoloca o leito na posição correta a gente propõe a ele que vá para o sofá se ele deve ir para o sofá ou ele fica como está a gente deixa todo o seu material à sua disposição / a gente puxa a cortina e depois / a gente a gente diz é:: / é isso / tchau para o paciente então (Sylvie; Entrevista anterior; Tema: “Desenvolvimento Realização”)

A figura da “ação canônica” reside em uma apreensão do agir sob a forma de construção teórica, abstração feita do contexto de desenvolvimento do agir e das propriedades do actante que a efetua, e propõe uma lógica da tarefa que é “não contextualizada” e com validade geral. Desse fato, ela presta conta especialmente sobre a estrutura (crono)lógica prototípica do agir, bem como das normas que o regem, cuja responsabilidade cabe a instâncias institucionais exteriores ao actante.

Do ponto de vista discursivo, a “ação canônica” se organiza sob forma de “discurso teórico”. Ela se caracteriza, de um lado, por uma evocação

genérica dos fatos, que não são postos em relação nem com a situação de interação, nem com uma origem temporal qualquer; de outro, por graus variáveis de implicação do autor do texto no conteúdo evocado. O eixo de referência temporal é “não delimitado” e geralmente não marcado; os processos são apreendidos por formas de “presente” genérico, cuja ordem tende a reproduzir a cronologia geral do tratamento. Essa ordem cronológica é, além disso, exprimida por meio de uma organização frástica recorrente, a estrutura canônica “sujeito-verbo-objeto”, que pode ser mais ou menos rígida, a saber, só comportar essas estruturas mínimas justapostas (cf. trecho 9), ou incluir estruturas argumentativas, geralmente introduzidas por organizadores lógico-argumentativos. Essa figura não comporta praticamente nenhuma marca de variação, sendo que as “bifurcações” eventualmente atestáveis dependem do procedimento ou da prescrição médica.

No plano agentivo, o actante é quase sempre marcado por “agente”, designando uma instância coletiva neutra, o que sinaliza que toda a atorialidade da enfermeira se acha “neutralizada”, sendo que seu estatuto depende mais do “agente”. Esse estatuto é acentuado ainda pelo fato de que as modalizações atestáveis nessa figura, a maior parte do tempo externas às relações predicativas (“é preciso que a gente faça”), são quase todas modalizações “deônticas”.

### 5.5. A ação-definição

(Trecho 10) V: o tratamento das tomadas de constantes [ENT: é::] bom isso depende também dos horários é o que a gente dizia de manhã às 8h é verdade que é importante porque é aí // é o primeiro contato do dia de fato então é:: é uma abordagem para // como se passou a noite para (...) porque é importante para nós // é também uma demanda médica mas é um pretexto também para iniciar o dia perto deles então é isso que tem de particular (Véronique; Entrevista anterior; Tema: “Caracterização”)

A figura da “ação-definição” é orientada por uma apreensão do agir como objeto de reflexão, como suporte e alvo de uma redefinição da parte do actante. O agir é encarado como um “fenômeno no mundo”, convidando a uma atividade de investigação, que consiste, de um lado, em uma apreensão das “características” e do “estatuto” do agir, e, de outro, no exame das



“atitudes socioprofissionais” que se manifestam a seu respeito (aí incluída a do próprio actante). Contrariamente às outras figuras, a “ação-definição” não tematiza nem os actantes nem a organização cronológica do agir, nem seus constituintes praxiológicos, mas reúne traços julgados pertinentes, suscetíveis de circunscrevê-lo e de diferenciá-lo de outras espécies de atividade.

Do ponto de vista de sua organização enunciativa, essa figura está inserida, como a precedente, em segmentos de “discurso teórico”. O eixo de referência temporal é sempre não delimitado, sendo a forma verbal dominante o “presente” genérico. Porém, contrariamente à “ação canônica”, as formas verbais mobilizadas só se referem excepcionalmente a atos ou gestos, comportando a “ação-definição”, assim, um número extremamente reduzido de relações predicativas fortes (“sujeito+verbo”). A grande maioria das relações predicativas (70%, aproximadamente) é constituída das construções impessoais “é” e “há”, que mobilizam o verbo “ser” como marca de atribuição de propriedade (“é importante”; “é uma abordagem”) e o verbo “haver” com seu valor de identificador-introductor de um “sujeito real” posposto<sup>8</sup> (“há um contexto”). Essas construções se dirigem todas ao signo “tratamento”, ao qual elas dão continuidade (cf. o início do trecho 10), e são, por seu turno, inseridas em estruturas recorrentes (“é+ sintagma nominal”+ eventualmente um outro sintagma, “é + sintagma adjetival, há+ sintagma nominal”).

Se, com relação às outras figuras, a agentividade da enfermeira é aqui quase nula, ela é, entretanto, fortemente marcada no plano enunciativo, sendo a “ação-definição” a figura que comporta, proporcionalmente, o maior número de marcas de assunção enunciativa. A atorialidade da enfermeira é, assim, transferida para o próprio ato de “dizer o tratamento”, sendo reforçada por numerosas modalizações “epistêmicas” (“é verdade que”).

## **5.6. Tipos de discurso, registros de conhecimentos e formas de raciocínio**

Como mencionamos, a construção das “figuras de ação” é marcada por um processo permanente de “escolha” que as enfermeiras-locutoras efetuam “simultaneamente” sobre os aspectos temático e discursivo; essas

---

8 - N.t.: O que o autor chama de “sujeito real” posposto é considerado, em português, objeto direto.

figuras procedem, assim, da “associação” ou do “acoplamento” (segundo a expressão de Saussure, cf. item 1.3) de uma dimensão de conteúdo, ou significada (na ocorrência, o tema ou subtema tratado), e de uma dimensão de expressão, ou significante (na ocorrência, o tipo de discurso mobilizado). Como mostramos em outro ponto (cf. BULEA, 2007; 2008), esse processo confere às “figuras de ação” o estatuto de verdadeiras “entidades semióticas”: essas são entidades “biface”, construídas de maneira “correlativa e diferenciadora” no curso mesmo da atividade linguageira, e que são supra-ordenadas com relação às entidades semióticas da dimensão da palavra.

A escolha de um tipo de discurso constitui a face significante desse processo; e ela é independente da escolha correlativa efetuada na face significada (o tema da “realização” do tratamento, por exemplo, pode ser abordado sob a forma de “discurso interativo”, de “relato interativo” ou de “discurso teórico”), mas, uma vez efetuada, essa escolha produz duas ordens de “efeitos epistêmicos”.

De um lado, ela tem incidências notáveis sobre “a formatação” ou sobre a “estruturação” das representações do agir que se acham subsumidas, o que leva de fato a “acentuações” de registros ou de espécies de conhecimentos diferentes. Constatase, assim, que: (i) a mobilização do “discurso interativo” na “ação-ocorrência” (do mesmo modo que a mobilização do “relato interativo” na “ação-acontecimento passado”) acentua o registro dos conhecimentos “contextuais e locais” (estado do paciente, medicação administrada, atos realizados ou a realizar pelos colegas, etc); (ii) a mobilização do “discurso interativo” na “ação-experiência” acentua principalmente o registro dos “saberes condicionais” ou “alternativos” (em qual situação intervir de tal maneira e em qual situação intervir de outra maneira?), bem como o registro dos “conhecimentos de si”, de “seu próprio” *know-how*; (iii) a mobilização do “discurso teórico” na “ação canônica” acentua, quanto a esta, os “saberes regulados pelas normas” (conhecimento da prescrição dos atos, das medicações a administrar segundo as patologias, etc.), bem como o registro dos conhecimentos propriamente “teóricos” (saber o que é um dreno, uma infecção, etc); (iv) enfim, a mobilização desse mesmo “discurso teórico” na “ação-definição” acentua o registro dos conhecimentos “meta”, tendo relação com disposições e atitudes coletivas

ou individuais, que se exercem sobre o agir pretendido ou, mais amplamente, sobre o *métier*.

De outro lado, as escolhas discursivas exercem uma grande influência sobre as “formas de raciocínio” a que recorrem as enfermeiras, privilegiando cada tipo manifestamente o desenvolvimento de um subconjunto relativamente circunscrito de operações cognitivas. Essas operações se orientam quase exclusivamente pelo que Grize (1984; 1997) chamava de “lógica natural”, isto é, uma lógica propriamente “dialógica”, que utiliza ou “se serve” de uma língua natural (mas que não é nem inteiramente “determinada” nem “refletida” por essa última), e que toma lugar necessariamente num “contexto social”. As relações de “interdependência” entre tipos de discurso e formas de raciocínio que nossos dados atestam podem ser resumidas como se segue.

A mobilização do “discurso teórico” na figura da “ação canônica” obriga as operações cognitivas a se organizarem em um *script* (cf. trecho 9), vale dizer, em um “sistema de desdobramento no sucessivo” que é generalizado, abstrato e independente das circunstâncias particulares. Esse desdobramento pode, de fato, mobilizar certas marcas dos tipos “relato iterativo” ou “narração” (como os organizadores temporais), mas ele não mobiliza as outras marcas de estruturação temporal dos tipos narrativos, e a sucessão dos acontecimentos apresentada reflete a “ordem lógica” de realização da tarefa (deve-se descobrir o ferimento antes de realizar o curativo, e só se pode reinstalar o paciente depois da realização desse curativo).

Nessa mesma figura de ação, o “discurso teórico” constitui também o quadro privilegiado de desdobramento de raciocínios “semilógicos” ou, ainda, de raciocínios “que tendem ao formal”, dos quais segue um exemplo:

(Trecho 11) V: a gente mede as pressões antes dos tratamentos / antes do café da manhã / então / eles têm muitos tratamentos para a pressão no café da manhã / frequentemente depois ela baixou de novo (Véronique; Entrevista posterior; Tema: “Possíveis”; “Ação canônica”)

Como mostra esse trecho, a variação nos resultados da medição de

pressão, dependendo de esta ser feita antes ou depois dos tratamentos, dá lugar a uma explicação que se desenvolve num domínio tendencialmente fechado<sup>9</sup>, a saber, o domínio dos efeitos dos tratamentos (A) sobre a diminuição da pressão (B). Os elementos constitutivos desse domínio são organizados antecipadamente à formulação do raciocínio pela enfermeira e independentemente da situação específica à qual ele se aplica: toda realização de tratamentos gera uma queda de pressão (A implica B). Ora, nas práticas efetivas, em conformidade com as normas institucionais, a pressão é medida antes da realização dos tratamentos, vale dizer, em condições “não” A, que tornam, assim, possível “não” B: a pressão pode estar mais elevada antes dos tratamentos que depois deles. E como se constata, a explicação da enfermeira se centra na causa da possível divergência entre os resultados de duas medições de pressão sucessivas, sem evocar o papel das normas profissionais.

A mobilização do “discurso interativo” nas figuras da “ação-ocorrência” e da “ação-experiência” parece propícia à formulação de raciocínios “causopráticos”. Esses raciocínios podem satisfazer certas condições que caracterizam as precedentes, notadamente a combinatória que conduz ao estabelecimento de uma relação causal, porém eles se distinguem pelo fato de que se desenvolvem num sistema aberto, receptivo às propriedades da realidade à qual se aplicam e cujos elementos são construídos no próprio curso do desenvolvimento da argumentação. Os raciocínios desse tipo apresentam, dessa maneira, um caráter “não necessário”, na medida em que premissas idênticas podem dar lugar a conclusões diferentes: uma conclusão como “então é por isso que ela tem dores intensas no pós-operatório” (cf. trecho 6) não repousa sobre uma premissa que explicita uma relação de implicação (A implica B) entre “sofrer uma intervenção delicada” e “ter dores intensas”, e não apresenta, então, um caráter de necessidade lógica.

Nessas duas figuras, observa-se, além disso, que os raciocínios “causopráticos” podem se “encadear” na progressão do discurso interativo, porém sem ser claramente ligados entre si, ou sem que seja explicitada

---

9 - É a razão pela qual chamamos esses raciocínios de “semilógicos” ou “tendentes ao formal”. A formulação de um raciocínio formal requer, quanto a ele, uma combinatória pura, desenvolvendo-se num domínio “fechado” (ou totalmente desvinculado dos fatos reais) e com base em premissas explicitamente declaradas como tais.

a modalidade lógica sob a qual eles poderiam ser postos em relação, e se apresentam, assim, de fato, como estando em relação de “coocorrência”. Voltando ao trecho 6, se se pode pôr em evidência uma relação causal (mas não necessária) entre “sofrer uma intervenção delicada” e “ter dores intensas”, ou entre “realizar o primeiro curativo” e “não saber o que há por baixo”, ou ainda entre a prescrição de “não utilizar a lâmina” e os atos de “desinfetar e colocar um coletor limpo”, nenhum desses pares mobiliza como premissa a conclusão de um outro par, sendo que o raciocínio global que organiza essas diferentes associações só pode, de fato, ser inferido do conhecimento do conteúdo do agir “em si mesmo” ou daquela situação geral do tratamento.

A mobilização do “relato interativo” na figura de “ação-acontecimento passado” favorece o desenvolvimento de raciocínios “causocronológicos”. Como se evidencia no trecho 7, uma vez posto o quadro geral (presença de um acúmulo de líquido seroso e abertura da cicatriz), o raciocínio da enfermeira se dá por estabelecimento de relações causais entre acontecimentos (“tirar os pontos”, “pressionar”, “escorrer”, “abrir-se”), que são reforçados por uma marcação das relações temporais: esses acontecimentos são ainda apresentados como “se gerando uns aos outros” numa ordem a um só tempo lógica e temporal.

Destaquemos, enfim, que, considerada em sua globalidade, esse mesmo trecho 7 se apresenta como um bloco compacto e organizado, que permite a formulação de um “raciocínio pelo exemplo” (ou por caso).

Essa forma de raciocínio se funda não sobre regras lógicas gerais (de causalidade, de implicação, de inferência, etc), mas sobre a experiência social ou pessoal, ou ainda sobre uma espécie de jurisprudência. É o que mostra notadamente na passagem do “relato interativo” ao “discurso interativo” no final do trecho (“depois nesse caso você chama quem operou e depois você lhe pergunta o que ele quer fazer”), permitindo a mudança de tipo de discurso a explicitação do estatuto do exemplo e a designação daquele como “caso”, como situação potencialmente reprodutível, mas que faz parte de uma classe circunscrita.

## 6. Conclusão

Voltando à problemática geral deste número, os resultados empíricos que apresentamos nos parecem confirmar que as dimensões semânticas e pragmáticas são, na realidade, “constitutivas da essência mesma dos fenômenos linguageiros”, emergindo esses últimos fundamentalmente de uma “atividade” humana específica, porque “significante”. Como haviam sustentado tanto Saussure quanto Volochinov, o caráter propriamente significativo das entidades e dos processos linguageiros provém de sua relativa “autonomia”, que se exerce tanto com relação às propriedades do mundo, quanto com relação aos processos sociais e cognitivos. Porém, essa autonomia faz com que esses mesmos fenômenos linguageiros, de um lado, possam se “redirigir” permanentemente às entidades extralinguageiras no quadro dos procedimentos interpretativos (inclusive as que tratam sobre o agir) de outro, como havia mostrado Vygotsky, permitem reestruturar certos aspectos do funcionamento psíquico, no quadro de um processo da ordem do desenvolvimento.

Nesse último processo, o papel dos “tipos de discurso” nos parece decisivo. Por seu estatuto de “interface” entre a língua e a atividade linguageira, bem como entre as representações coletivas e as representações individuais, e na medida em que eles são inelutavelmente mobilizados na estruturação de todo tipo de conteúdo verbalizado, esses tipos discursivos constituem a base organizacional dos contragolpes que a semiótica exerce, durante toda a vida, sobre a reestruturação dos registros praxiológico e epistêmico.

### Abstract

We discuss issues from the semantics and pragmatics, taking into account the significant size and related phenomena of language, even if they do not fall within the guidelines of these two dominant sub-disciplines of linguistics.

**Key words:** Semantics; Pragmatics; Phenomena language studies; Linguistics.

### Convenções de transcrição

N, J, S: prenomes (fictícios) das enfermeiras

ENT: entrevistador (para as entrevistas)

>: endereçamento da intervenção

/ // ///: pausas de duração variável

nã:::o: alongamentos vocálicos

méd-: palavra inacabada

xxx: trechos inaudíveis

sublinhados: sobreposições

**negrito: ênfase**

↑↓: entonações ascendente e descendente

[entre colchetes]: breves intervenções de um interlocutor durante o turno do outro

(entre parênteses): comentários do transcritor

### Referências

AUSTIN, John. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BOTA, Cristian ; BRONCKART, Jean-Paul. Voloshinov et Bakhtine: deux approches radicalement opposées des genres de textes et de leur statut.

**Linx**, n.6, 2008. p.67-83.

BRÉAL, Michel. **Essai de sémantique**. Brionne: Gérard Montfort, 1897.

BRONCKART, Jean-Paul. Semiotic interaction and cognitive construction. **Archives de Psychologie**, n.65, 1997a. p.95-106.

BRONCKART, Jean-Paul. **Activité langagière, textes et discours**: pour un interactionisme socio-discursif. Paris: Delachaux et Niestlé, 1997b.

BRONCKART Jean-Paul. La médiation langagière, son statut et ses niveaux de réalisation. In: DELAMOTTE-LEGRAND, Regine (Ed.) **Les médiations langagières**: des discours aux acteurs sociaux. Rouen: PUR, 2004, v.2, p.11-32.

BRONCKART, Jean-Paul. **Genres de textes, types de discours et “de-grés” de langue**: hommage à François Rastier. 2008a. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>.

BRONCKART, Jean-Paul. La actividad verbal, las lenguas y la lengua:

- reflexiones teóricas y didácticas. In: CAMPS, Anna; MILIAN, Marta (Ed.). **Miradas y voces:** investigación sobre la educación lingüística y literaria en entornos plurilingües. Barcelone: Grao, 2008b. p. 27-43.
- BRONCKART, Jean-Paul. **O agir nos discursos:** das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Campinas: Mercado do Letras, 2008c.
- BRONCKART, Jean-Paul et al. **Le fonctionnement des discours:** un modèle psychologique et une méthode d'analyse. Paris: Delachaux et Niestlé, 1985.
- BRONCKART, Jean-Paul ; BULEA, Ecaterina. La dynamique de l'agir dans la dynamique des discours. In: BARBIER, Jean-Marie ; DURAND, Marc (Ed.). **Sujet, activité, environnement:** approches transverses. Paris: PUF, 2006. p. 105-134.
- BUHLER, Karl. **Die krise der psychologie.** Jena: Fischer. 1927.
- BULEA, Ecaterina. **Le rôle de l'activité langagière dans l'analyse des pratiques à visée formative.** 2007. Tese (Doutorado) - Université de Genève.
- BULEA, Ecaterina. Types de discours et interprétation de l'agir: le potentiel développemental des "figures d'action". **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies.** 2008.
- BULEA, Ecaterina ; BRONCKART, Jean-Paul. La saisie des compétences dans l'interprétation de l'activité de travail. Bulletin Vals/Asla, 84. In: MONDADA, Lorenza; DOEHLER, Simona Pekarek (Ed.) **La notion de compétence:** études critiques. Genève, 2006. p. 143-171.
- BULEA, Ecaterina ; FRISTALON, Isabelle. Agir, agentivité et temporalité dans des entretiens sur le travail infirmier. In : BRONCKART, Jean-Paul ; LAF, Groupe (Ed.) **Agir et discours en situation de travail:** cahiers de la section des sciences de l'éducation 103. Genève, 2004. p. 11-144.
- CONSTANTIN, Emile. Linguistique générale : cours de M. le professeur F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n.58, 2005. p. 71-289.
- DEWEY, John. **Experience and Nature.** New York: Dover, 1925.
- DURKEIM, Emile. Représentations individuelles et représentations



- collectives. **Revue de Métaphysique et de Morale**, n.6, 1898. p. 273-302.
- FILLIETTAZ, Laurent. Discours, travail et polyfocalisation de l'action. In : FILLIETTAZ, Laurent ; BRONCKART, Jean-Paul (Ed.). **L'analyse des actions et des discours en situation de travail: concepts, méthodes et applications**. Louvain-La-Neuve: Peeters, 2005. p. 155-175.
- GENETTE, Gérard. Introduction à l'architexte. In: GENETTE, Gérard et al. (Ed.) **Théorie des genres**. Paris: Seuil, 1986. p. 89-159.
- GOFFMAN, Erving. **Les rites d'interaction**. Paris: Minuit, 1974.
- GOFFMAN, Erving. **Les cadres de l'expérience**. Paris: Minuit, 1991
- GRICE, Herbert Paul. **Logic and Conversation**. MS: The William James Lectures, 1967.
- GRIZE, Jean-Blaise. **Sémiologie du raisonnement**. Berne: Peter Lang, 1984.
- GRIZE, Jean-Blaise. **Logique et langage**. Paris: Ophrys, 1997.
- KATZ, Jerrold; POSTAL, Paul. **An integrated theory of linguistic description**. Cambridge: MIT Press, 1964.
- KOMATSU, Eisuke ; WOLF, George. **Premier cours de linguistique générale d'après les cahiers d'Albert Riedlinger**. Oxford: Pergamon, 1996.
- MEAD, George Herbert. **Mind, self and society from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago: University of Chicago Press, 1934.
- MORRIS, Charles. Foundations of the theory of signs. In: NEURATH, Otto ; CARNAP, Rudolf ; MORRIS, Charles. (Ed.) **International Encyclopedia for Unified Sciences**, 1/2. Chicago: University of Chicago Press, 1938.
- POTTIER, Bernard. **Linguistique générale**. Paris: Klincksiek, 1974.
- MOESCHLER, Jacques ; REBOUL, Anne. **Dictionnaire encyclopédique de pragmatique**. Paris: Seuil, 1994.
- PIAGET, Jean. L'explication en psychologie et le parallélisme psychophysiologique. In: FRAISSE, Paul ; PIAGET, Jean (Ed.) **Traité de psychologie expérimentale**. Paris: PUF, v.1, 1974. p. 137-184.

RASTIER, François. Sémantique. In : HOUDE, Olivier et al. **Vocabulaire des sciences cognitives**. Paris: PUF, 1998. p. 365-368.

RASTIER, François. **Arts et sciences du texte**. Paris: PUF, 2001.

RASTIER, François. **Saussure et la science des textes**: documents de travail du Colloque International “Révolutions saussuriennes”. Université de Genève, 2007. p. 81-90.

SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1916.

SAUSSURE, Ferdinand. **Ecrits de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 2002.

TURPIN, Béatrice. La légende de Sigfrid et l’histoire burgonde. **Cahiers de l’Herne – Saussure**, n.76, 2003. p. 351-429.

VOLOSHINOV, Valentin. **Le marxisme et la philosophie du langage**. Paris: Minuit, 1977.

VOLOSHINOV, Valentin. **Le freudisme**. Lausanne: l’Âge d’Homme, 1980.

VYGOTSKI, Lev Sémonovitch. **Pensée et langage**. Paris: La Dispute, 1997.